

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

ADRIELE ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA

**DANÇAS URBANAS: DESMISTIFICANDO CONCEITOS DO GÊNERO
FEMININO NO BREAKING**

Manaus-AM

2021

ADRIELE ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA

**DANÇAS URBANAS: DESMISTIFICANDO CONCEITOS DO GÊNERO
FEMININO NO BREAKING**

Projeto como requisito básico obtenção de grau no curso de Licenciatura em Dança da Universidade do Estado do Amazonas (UEA-ESAT).

Orientadora: Prof(a). Dra. Raíssa Caroline Brito Costa

Manaus-AM

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, minha família e a todos que me apoiaram
nessa caminhada.

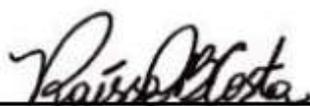
ADRIELE ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA

**DANÇAS URBANAS: DESMISTIFICANDO CONCEITOS DO GÊNERO
FEMININO NO BREAKING**

**Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para obtenção de Grau de
Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da
Universidade do Estado do Amazonas e aprovado, em sua forma final, pela
Comissão Examinadora.**

Manaus, 02 de agosto de 2021

Banca Examinadora:



Orientadora: Prof.^a Dra. Raíssa Caroline Brito Costa



Prof.^a Dra. Amanda da Silva Pinto



Prof.^a Ma. Ana Cristina Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus porque sem Ele não teria chegado até aqui. À minha família, por todo apoio durante esses anos de faculdade, que não me deixaram desistir quando vieram as dificuldades.

Aos meus colegas de classe que incondicionalmente me apoiaram para que eu conseguisse chegar a fase final deste curso, reconheço todo carinho, força e ajuda que me deram.

À minha orientadora por sua paciência e dedicação, por me dar forças quando pensei que não conseguiria mais e por não deixar de me acompanhar e se preocupar com meu trabalho que estava sendo concluído. Agradeço a todas as alunas que se dispuseram a participar desta pesquisa.

Finalizo agradecendo a todos que de alguma forma contribuíram com meu trabalho.

EPÍGRAFE

“Eu disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo”.

(Bíblia, 2021)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Aula dois.....	28
Figura 2. Aula quatro.....	29
Figura 3. Aula seis.....	30
Figura 4. Aula sete.....	31
Figura 5. Aula oito.....	32
Figura 6. Primeiro encontro via Google meet	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO	9
1.1 BREVE HISTÓRIA SOBRE A CULTURA <i>HIP HOP</i> E SEUS ESTILOS	
1.2 BREVE HISTÓRIA DO BREAKING.....	12
1.3 O FEMININO NA CULTURA <i>HIP HOP</i>	15
1.4 ENSINO FORMAL COM ATIVIDADES DO MEIO	19
2 CAPITULO II – ASPECTOS METODOLÓGICOS	22
2.1 METODOLOGIA.....	22
2.2 QUANTO AO TIPO.....	22
2.3 QUANTO AOS OBJETIVOS.....	22
2.4 QUANTO A ABORDAGEM.....	22
2.5 QUANTO AO MÉTODO.....	23
2.6 QUANTO AO DELINEAMENTO.....	23
2.7 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE, DOS SUJEITOS E DA PESQUISA.....	24
2.8 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS.....	24
2.9 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS.....	24
3 CAPITULO III – ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	26
3.1 RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO PRÉVIO.....	26
3.2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES NAS AULAS.....	26
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

As danças urbanas abrangem uma quantidade de estilos muito grande, onde em cada área vemos os gêneros feminino e masculino atuando. Esse trabalho falará especificamente do *Break Dance*, onde o gênero masculino tem uma quantidade de dançarinos muito mais expressivos do que o feminino.

A inclusão das mulheres nesse estilo de dança é muito mais difícil por ser uma dança mais pesada, com movimentações de força e expressividade forte, além de que ainda existe o preconceito da maioria das pessoas em relação a mesma, onde veem as danças urbanas em si como uma arte marginal e se tratando do *Breaking* essa visão é muito mais intensa. A dificuldade que os movimentos do *Breaking* apresenta o torna de certa forma muito mais exigente com o corpo feminino, pois sabemos que anatômofisiologicamente ele é diferente do corpo masculino, podemos considerar como a flexibilidade que o corpo feminino possui que facilita a execução para alguns movimentos, e feito esse que o corpo masculino já é mais carente. Diante disto, a presente pesquisa tem como problema o seguinte questionamento: É possível modificar os estereótipos em relação ao *Breaking* no grupo pesquisado?

Apesar da vasta expansão de estilos que a dança tem, as danças urbanas ainda não têm um acervo tão grande de estudos, com isso se torna difícil falar sobre este tema sem que o mesmo parta de experiências vivenciadas quando associadas a determinados temas.

O *Breaking* tem suas nomenclaturas e suas especificidades assim como qualquer outro estilo de dança, no *break* encontramos o *top rock* onde se tem movimentações em cima, o *Dropping* que são as decidas para o chão, o *Footwork* que são os trabalhos com os pés feitos no chão, os *Freezers* que é o ato de congelar em alguma movimentação mais radical, o *Power Move* que são os movimentos de força e os saltos que vieram da copeira e foram introduzido como complemento desta dança. Cada nomenclatura tem suas variações tanto em nome quanto em movimento, e isso é que torna o *break* tão vasto.

Hoje ainda se tem o gênero masculino com uma maior expressividade tanto de público quanto de praticante no *Breaking* a nível nacional e mundial. Acredita-se que seja, pela expressividade latente que essa dança tem e pela facilidade que este corpo encontra em executar tais movimentações.

Partindo do exposto, pesquisas relacionadas a esse universo focado no

gênero feminino, podem acrescentar conhecimentos e possibilitar ainda um novo olhar sobre a mulher no *Breaking*, partindo das experiências e vivências relatadas no decorrer do trabalho.

Sendo a arte-educação, indispensável para a formação e também para o estímulo da criticidade dos alunos, realizou-se a formação de um grupo de estudo em de alunas de um município do interior do Amazonas para a iniciação ao estímulo da prática, o que levou as alunas a conhecer e dominar ainda mais o seu corpo aprendendo como executar determinados movimentos desse estilo de dança e refletindo sobre a figura feminina no mesmo.

Com um estudo mais aprofundado sobre o corpo feminino e sua inclusão nesse mundo urbano, mais precisamente no *Breaking*, almeja-se um novo olhar da sociedade sobre os benefícios e positividade que a dança traz para as pessoas, com um discurso mais sensato sobre o estilo e sua relação com o corpo feminino, visto que este gênero se torna cada vez mais potente nesse universo. Sendo a pesquisa realizada em um interior do estado do Amazonas, a experiência vivenciada incentivou a continua prática desta dança uma vez que, está estava parada no município pela falta de incentivo, diálogos e aulas.

A metodologia para este trabalho foi uma pesquisa aplicada, com objetivos descritivos, abordagem qualitativa, método fenomenológico, e tendo como procedimento a pesquisa de campo.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro abordo questões sobre a história do *Hip Hop*, com histórico de como e onde nasceu, seus elementos formadores e um estudo aprofundado sobre a dança *Breaking*, com sua origem e fundamentos básicos e personalidade nas execuções. Posteriormente abordo a questão do ensino do meio (EM) forma de ensino utilizada durante as pesquisas deste trabalho.

No segundo capítulo trago questões sobre os aspectos metodológicos da pesquisa, quanto ao tipo, objetivo, abordagem, método e procedimentos, além da caracterização das alunas que comporam a pesquisa deste trabalho.

No último capítulo encontram-se os resultados e discussões feitas e o mesmo foi dividido em dois momentos. Sendo o primeiro momento o resultado de um questionário prévio realizado e um segundo momento onde relato os objetivos de cada aula executado, diálogos, dificuldades das alunas e facilidades diante de cada encontro.

1 CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O HIP HOP – HISTÓRIA E ESTILOS

O Hip Hop teve início nas décadas de 60 a 70 no século XX, após a guerra do Vietnã, nos Estados Unidos da América, exatamente nos guetos de Nova York. No Bairro Bronx foram encontrados seus primeiros registros, onde o DJ Kool Herc iniciou uma festa. Nesses eventos começou o primeiro contato da comunidade com o que depois seriam os 4 elementos do *Hip Hop*, seu objetivo principal era reunir os negros locais para uma atividade artística e a partir daí houve uma expansão desse movimento para outras periferias norte americanas e destas para o mundo. Nesta época os Estados Unidos perderam a guerra para o Vietnã, nos guetos e periferias moravam muitos negros, latinos e caribenhos sobreviventes da guerra e que tinha em seu corpo marcas desses confrontos (AMORIM, 1997).

Herc era imigrante jamaicano e de lá trouxe, além dos sound-systems, o modo de expressão verbal dos toasters da Jamaica – as saudações aos que chegavam à pista de dança em ritmo entrecortado –, que seria o prenúncio da idéia do MC. Herc observava que as partes instrumentais, os chamados breaks das músicas, agradavam aos frequentadores das festas. Também descobriu que com dois toca-discos funcionando ao mesmo tempo e dois discos de vinil iguais podia tocar com a ajuda de um mixer o mesmo break sem parar, regulando a sincronia sonora (ROCHA e DOMENICH, 2001, p. 127).

A nomenclatura *hip-hop* surgiu com DJ Bambaataa que juntamente com o DJ Kool Herc comandavam as festas na época.

O termo hip hop, que significa, numa tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop), foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa, em 1968, para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (discjóqueis) e MCs (mestres-de-cerimonias) nas festas de rua no bairro do Bronx, em Nova York (ROCHA et al, 2001, p.17).

O *Hip Hop* possui 4 elementos, sendo eles o *Break*, o Grafite, o DJ e o MC. O *Hip Hop* veio para disseminar paz, amor, união e diversão, porém para os adeptos dessa manifestação representa uma cultura um estilo de vida, uma forma de representar seu cotidiano através de sua arte, e de lutar por uma igualdade que muitas vezes na periferia não se encontra.

O Breaking representa o corpo na dança e surgiu junto com o movimento *Hip Hop*. O Grafite, expressão de arte visual, surgiu dentro do *Hip Hop* como forma dos

jovens demarcarem seus territórios, são as pinturas nos muros com formatos de letras e desenhos diferentes.

O grafite é um meio sincrético e transcultural. Alguns fundem a palavra e a imagem com um estilo descontínuo: a aglomeração de signos de diversos autores em uma mesma parede é como uma versão artesanal do ritmo fragmentado e heteróclito do videoclip (GARCÍA CANCLINI, 1997, p. 338).

O DJ (Disque Jôquei) é o responsável por comandar as Pick Up¹ onde se faz as mixagens, transformando a música em novos sons. O MC (mestre de cerimônia) ou *Rapper* como também pode ser chamado, é o responsável por animar as festas, apresenta e canta o *rap*, faz rima e também o *beat box*, porém dentre estes o *rap* é o mais conhecido popularmente.

Ainda é proposto mais um elemento, o conhecimento, o qual Matsunaga (2006) e Souza (2008) dizem ser ainda pouco agregado. Este, ainda é pouco conhecido no meio dos praticantes do *Hip Hop*, porém de extrema importância uma vez que os adeptos desta cultura precisam ter conhecimento para pregar sua arte com igualdade e lutar dentro da sociedade para ganhar seu espaço.

Junto com o *Breaking* ainda podemos destacar outras duas modalidades de dança que teve forte disseminação dentro do *Hip Hop* durante as festas organizadas por Hearn nas periferias, estes são o *Locking*² e o *Popping*³.

O *locking* foi criado no final dos anos 60 por Dom Campbell, onde caracterizava-se pelo estilo funk desta época. Os dançarinos são nominalmente chamados de *lockers*, e fazem interação com o público, sorrindo, batendo palmas e apontando os dedos (VALDERRAMAS, HUNGER, 2007; COLOMBERO, 2011). Esta dança se caracteriza pelo *lock*, que configura uma pausa aparentemente repentina dos movimentos.

O *popping* foi criado na década de 70, onde houve uma evolução dos aparelhos musicais utilizando as músicas eletrônicas. Boogaloo Sam que antes era praticante da dança *locking*, passou a dançar de uma forma diferente, contraindo seus movimentos de acordo com o que pedia os *beats* da música, o que se assemelha a um robô em movimento e assim criou um estilo, o *popping*.

[...] com a música mais cadenciada e a caixa mais evidente, toda vez que

¹ <https://www.baressp.com.br/eventos/dj-residente-w-austin-agita-pick-ups-nesta-quinta-feira-no-london-station-> (pesquisado em 24/08/2021 às 20hs).

² <https://www.youtube.com/watch?v=oqyyZv655Y0> (pesquisado em 24/08/2021, às 20hs).

³ <https://www.youtube.com/watch?v=Rp1yWTDalC4> (pesquisado em 24/08/2021, às 20hs).

Boogaloo contraia seus músculos ao realizar suas performances dizia *pop*, *pop* para dar a noção de explosão como uma pipoca, passando o grupo a chamar-se *Electric Boogaloo* (COLOMBERO, 2011, p. 5).

Segundo Marchioro e Lima (2012, p. 3) “é baseado na técnica de rápida contração e relaxamento dos músculos para causar um empurrão no corpo do dançarino, referido como *pop* ou *hit*. Cada *hit* deve ser sincronizado com o tempo e as batidas da música”.

Com o passar do tempo e com o aumento da tecnologia sonora as músicas foram ficando mais marcadas e outros ritmos foram surgindo e, com influência das danças pioneiras dentro da cultura *Hip Hop* como o *popping*, *locking*, *break* e também das danças sociais outro estilo ia surgindo nessa mistura de movimentação, a dança livre chamada dentro do *hip hop* de dança *freestyle*⁴, onde o dançarino passa a ter uma identidade de estilos variados dentro de uma única performance.

Nos anos 70 dentro dos clubes/boates gays surgiu um estilo de dança chamado *wacking*, este possui forte influência do *locking* e do *jazz*, porém em suas movimentações a uma certa grandeza e com aspecto totalmente feminino.

Apesar de seu surgimento ter sido nos anos 70, esse estilo pode ser considerado novo pois somente agora essa dança passou a se expandir e a ganhar novos adeptos, pelo fato de que no início as pessoas trataram com preconceito e na época foi pouco propagada.

Outro estilo que surgiu dentro dos clubes foi o *House Dance*⁵, uma dança totalmente para cima, influenciada pela música eletrônica. Seus movimentos são feitos de forma espontânea em cima da música referente a esse estilo, o disco *house*, *hip hop house*, *eletr house* e *afro house*. Pode-se considerar que esse estilo é o mais engraçado dentro das danças urbanas, seus movimentos não são os mais bonitos ou mais impressionantes, porém são lúdicos e dão uma certa liberdade para o dançarino utilizar suas movimentações de pernas e de pés em um espaço amplo.

O *Krump* é mais um dos estilos das danças urbanas, esse teve grande influência da dança *popping*, onde se destacam as contrações, porém foi acrescentado uma força maior, velocidade em maior parte de suas movimentações e em todo tempo com uma grande intensidade, assim o *Krump* criou uma técnica própria.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=lhwmRqK2Pfg> (pesquisado 24/08/2021, às 20:10h).

⁵ https://www.youtube.com/watch?v=mfnfY4P_Tfw (pesquisado 29/08/2021, às 09:10h).

A dança de rua é tanto estética como social, uma cultura popular plural, que quando analisada por via estética causa estrondosas definições, pois a dança de rua, tal como seus praticantes, tal como a cultura popular, estão inter-relacionando o tempo todo, num processo incessante de apropriação e incorporação, recusa e assimilação, consumindo e produzindo a dança. Diante dessa realidade, não há como manter uma manifestação cultural congelada no tempo (GUARATO 2008, p. 203)

Esses são alguns dos principais estilos dentro das danças urbanas, cada um apesar da forte influência entre si, possuem suas particularidades em suas movimentações, muitas destas podendo causar estranhamento por parte do público. As danças urbanas estão sempre se renovando e conquistando novos adeptos.

1.2 O BREAKING

Como o estilo *Breaking*⁶ foi o foco desta pesquisa, buscando com ele refletir questões sobre a inserção da mulher nesta cultura, abordamos de forma mais aprofunda questões deste.

O *Breaking* surgiu nesse cenário como a primeira manifestação do movimento *Hip Hop*, onde os jovens começaram a se distanciar das gagues de ruas e da violência e passaram a dar lugar aos rchas entre as *crew's* para mostrar suas habilidades e definir quem apresentava os melhores movimentos, inicialmente era uma forma de lazer e entretenimento dos jovens das periferias (MAGRO, 2003).

O *Breaking* é uma dança jovem com apenas 51 anos, nasceu nas ruas e seus dançarinos iam para o meio da roda e faziam sua dança particular com movimentação diferente, estes são chamados de *Bboy* (para os meninos) e *Bgirl* (para as meninas), o B vem do *breaking*. Essa dança tem em suas performances movimentações acrobáticas e de forças.

O termo *breaking* é definido como a parte de maior impacto na música, onde se valoriza mais essa batida, conforme assim arquitetado pelo DJ Kool Herc nos anos de 1970. Este estilo como qualquer outra dança possui seus fundamentos, sendo esses o: *Top Rock*⁷ (preparação, a dança em pé, sem que os membros superiores toquem no chão), o *FootWork*⁸ (trabalho dos pés, onde as pernas traçam o corpo

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=I9zqeLYmWcl> (pesquisado 29/08/2021, às 09:12h).

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=FCF1DUq1kUg> (pesquisado 29/08/2021, às 09:14h).

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=FevJRXHxNMY> (pesquisado 29/08/2021, às 09:14h).

continuamente) e, o *Freeze*⁹ (congelamento, onde a dança finaliza).

A nomenclatura do footwork é dada pela quantidade de passos, tendo o six step (seis passos), three step (três passos), four step (quatro passos), outra pelo formato recebeu o nome de front back, aonde o movimento vai para frente e depois retorna. Ainda acharam que não era o suficiente, já existia o top rock, o foot work e como estavam batalhando faltava alguma coisa começaram a criar os stencils e os freezes, poses mostrando seus estilos, faziam essas poses sempre no final de um foot work. Com o tempo foram acrescentados moves que são movimentos de grandeza, os giros, os fleurs, os moinhos, movimentos da ginástica olímpica, da capoeira para dar brilho. Esses movimentos acabaram sendo tão considerados que surgiram campeonatos de top rock, footwork. Nas batalhas esses movimentos ganham muita força, deixando a dança mais emocionante, o dançarino voando, girando de cabeça para baixo, ou com uma mão só, ou sem a mão só com a cabeça, faz a dança ganhar mais força chamando atenção da mídia (SOUZA, 2011, entrevista).

As acrobacias e os *Power Moves*¹⁰ são complementos do *bboy* ou da *bgirl* que o deixam mais extraordinários, porém o *Breaking* parte somente destes 3 fundamentos base, a partir dos quais surge toda uma ramificação de movimentos que com o passar do tempo se amplia e muitas vezes dificultam um pouco mais. O que torna o *Breaking* diferente das outras danças é o fato de que neste a grande parte da execução é feita no chão.

Os jovens da cidade do Bronx perceberam que jovens do Brooklyn, apesar de fazerem a mesma dança, utilizavam passos diferentes, chamados *up rock*, que era a soma de movimentos de ataque e defesa simultâneos feitos por mais de um dançarino. Começaram então a introduzir movimentos de luta nos quais eram possíveis rolar pelo solo e tomar uma postura em pé novamente. Assim o *top rock* inspirou a criação do *foot work* (trabalho com os pés), caracterizados por movimentos circulares feitos com apoio das mãos e dos os pés ao mesmo tempo, acompanhados pelo ritmo da música (COLOMBERO, 2011, p.3).

Pode-se considerar que durante o *Up Rock*¹¹ não pode tocar no oponente, você recebe o ataque e se defende sem que atinja fisicamente o oponente, o que poderia caracterizar agressão caso houvesse esse contato. Apesar de não ser muito utilizado nas batalhas por boa parte dos praticantes do *Breaking* nos dias atuais, essa movimentação de *up rock* retrata muito de onde o *Breaking* veio, das ruas, das brigas de gangues. O *up rock* surgiu entre 1967 e 1968 e foi criada por dois caras conhecidos como Rubber Band Man e Apache, estavam envolvidos nas gangues

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=6haEWrR503U> (pesquisado 29/08/2021, às 09:16h).

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=AkL2oTQ-fPY> (pesquisado 29/08/2021, às 09:16h).

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=tzuqsGzGGQU> (pesquisado 29/08/2021, às 09:18h).

do Brooklyn porém não se metiam em problemas e costumavam rotineiramente dançar, queriam usar sua energia e habilidade para algo que seria novo e criaram o rocking onde se tinha movimentos corporais chamados de jerks e gestos com os mãos chamados de burns.

Tornou-se normal os membros das gagues usarem este estilo de dança um com os outros e com isso surgiu várias competições, com isso a dança se espalhou depressa e precisou ter o nome alterado por estarem confundindo com o rock music, portanto o rocking tornou-se o up rock.

O primeiro, *top rock* foi criado por influência da salsa e na dança *Charleston*, depois foram aparecendo novos passos e cada passo teve sua ramificação e com isso o *Breaking* foi tomando uma proporção em movimentação muito grande. Nenhum movimento tem um fim, alguém cria e outro alguém evolui e assim aumenta-se o repertório. Existe uma regra que ainda se aplica atualmente onde cada um deve ter seu passo, não se pode copiar o outro dançarino e é por conta disso que sempre surge algo novo dentro do *Breaking*, causando evoluções de movimentos.

Segundo Freitas (2013, p. 33) no breaking temos 3 divisões importantes estética e artisticamente, nessas 3 essências se nota a identidade do *breaker*, sua forma de atingir ao público.

- *Flow*: a capacidade do *b.boy* ou *b.girl* de fluir em sua performance de forma constante e rítmica, quebrando essa fluidez somente no ato de congelamento.
- *Feeling*: se porta ao sentimento que o *dançarino* passa em suas execuções, gerando assim um significado para sua performance.
- *Flavor*: Forma como o *bboy* e a *bgirl* interage com o público, podendo expressá-lo por seu estilo, a forma de se comportar, o carisma, é a habilidade acerca da personalidade do *bboy* ou *bgirl*, é sua identidade no *breaking*.

Cada dançarino pode-se dizer que tem uma forma de se vestir, roupas largas, tênis confortáveis e preparados para os impactos desta dança. Assim o estilo próprio, o humor e a improvisação foram e são até hoje elementos que se consolidaram no *Breaking*. O desafio entre as *crew's* ou entre os *bboys* e *bgirls* são marcos no *breaking*, onde cada um tenta superar o oponente com sua performance de alto nível sendo essas performances o vocabulário desse duelo.

É tipicamente acompanhado por música de bateria dentro do *funk*, *soul*, *breakbeat* e o *hip hop*, onde o DJ faz suas mixagens, porém hoje este repertório é muito mais amplo com os outros estilos musicais, o que possibilita que o dançarino

bboy ou possam fazer seus *freestyles*, *dançar livremente na música, sem algo pré definido*.

Quando este, iniciou quase todas as esquinas eram usadas para mostrar essa arte, eram como palcos que as acrobacias e seus movimentos vigorosos eram apresentados, onde os dançarinos tinham influência de outros estilos de dança e das artes marciais, ao som de rádios grandes chamados de *Ghetto Blasters* ou *Boombox*¹², o famoso rádio de pilha. Com isso passaram a ficar conhecidos e popularizaram o *break*, onde passaram a se apresentar em clubes famosos da cidade, conforme explica Viana (1987).

Em entrevista Rafael Souza (2011) afirma que as pessoas se reuniam, juntavam caixas (na época as geladeiras vinham em caixas de papelão) e dançavam em cima do papelão, tinham a influência da salsa, das danças de salão latinas, dos filmes do Bruce Lee.

Além dos movimentos de chão e ginásticos desenvolvidos pelas escolas a qual chamamos de *new school* e *old school*, o ápice do *bboy* ou *bgirl* se dá ao *freestyle*, a forma livre como cada fundamento é executado, sem uma sequência definida. O *Breaking* além de dar visibilidade as *crew's* nas ruas, nos espaços públicos, visto que até os dias atuais os treinos acontecem em lugares estratégicos como praças, também possibilita ao *bboy* ou *bgirl* que se sobressaíam em suas performances, sendo que a promoção individual garante fortalecimento da cultura como um todo.

O *Breaking* apropria-se de forma simbólica do caráter competitivo da sociedade, a forma de sempre superar a si próprio e buscar ser melhor do que o oponente. Em sua essência é uma atividade bastante competitiva, sua origem foi nas disputas nas *Block Parties* (Festas realizadas nas ruas ou em porões), nas estações de metrô e em danceterias (VALDERRAMAS, HUNGER, 2007).

É importante salientar que hoje temos competições de diversos formatos onde existe a disputa de oponentes com gêneros diferentes e mesmo assim garantindo um alto resultado performático por ambos. No ato de competir cada *dançarino* assume um personagem onde este precisa defender sua dança de forma mais clara, objetiva e com grau de dificuldade maior que seu adversário, assim garantindo seu favoritismo durante esta batalha.

O *Breaking* tem uma especialidade quando comparado as outras danças pois

¹² <https://www.redbull.com/my-en/chapter-3-i-got-next>. (pesquisado 29/08/2021, às 09:26h).

neste a expressão e a criatividade são individuais em cada *dançarino* fazendo com que sua essência seja valorizada, permitindo assim que os dançarinos explorem suas capacidades criacionais sem sair ou perder os fundamentos (NESS,2010).

Hoje muito além de uma forma de lazer e de entretenimento o *breaking* é um esporte mundialmente conhecido e consagrado, com profissionais que disputam competições, muitos têm sua fonte de renda destes eventos. No entanto ainda existem os praticantes amadores que utilizam o *Breaking* somente como lazer.

1.3 O FEMININO NA CULTURA HIP HOP

Mesmo presente na história, a mulher sempre foi invisível em um mundo onde historicamente o espaço era ocupado predominantemente por homens. A mesma era destinada apenas ao lar, a procriação e para agradar ao homem. Autores como Gaspari (2003) menosprezam a mulher quando diz que a educação da mulher deveria ser voltada totalmente aos fazeres domésticos pois para ele as mulheres não deveriam conhecer o saber por ser contra a natureza dela. É partindo desse pensamento que se pode observar como a mulher tinha um papel apenas de fantoche, onde toda sua vida girava em torno da casa, dos filhos e do homem, mesmo sabendo que as mulheres sempre estiveram presente em todo o cenário social.

Durante o período das luzes a mulher era inferiorizada, para os filósofos da época não havia necessidade de proporcionar a mulher um cargo de poder, pois esta nasceu apenas para servir ao homem. Com as ideias iluministas, o romantismo ainda trouxe uma discriminação onde apresentava a mulher como um ser frágil, incapaz, emotiva e inferior. Mais uma vez podemos perceber como a imagem feminina foi desrespeitada e calada como na citação que diz: “[...] a natureza fez a mulher diferente do homem, atribuindo-lhe características inerentes. A sedução, por exemplo, é fonte de poder para a natureza feminina e a falta de autodeterminação da mulher é também intrínseca à sua natureza” (GASPARI, 2003, p. 32). Para este autor a mulher não poderia ter beleza e um nível intelectual ao mesmo tempo.

Durante todo esse período vemos apenas a mulher sendo colocada em uma posição inferior, historicamente essa colocação em relação a mulher sempre existiu, onde o homem é superior em tudo e por isso é mais valorizado, seja na política, na chefia de empresas, nos lugares de poder. Foram estas questões que fortaleceram uma sociedade tão machista, nos séculos XIX e XX, onde uma visão não igualitária era consolidada.

No século XIX passou-se a falar sobre o direito da mulher, a igualdade e a emancipação desta. Na metade dos anos 60 surgiu o movimento feminista organizado, que ganhou força no século XX e, se expandiu por todo o Oriente e disseminava a libertação da mulher e não somente a emancipação, com igualdade em direitos, políticos, jurídicos e econômicos em comparação ao homem.

Neste período no leste da Europa o socialismo afirmou que libertar a mulher seria introduzir está no processo produtivo. Foi necessário que houvesse uma mudança sociocultural-psicológica na sociedade para que o gênero feminino fosse visto como um sujeito perante a sociedade.

Simone Beauvoir (1980, p.291), uma escritora que se tornou uma referência para construção de um pensamento feminista no século XX afirma que: “uma mulher torna-se plenamente humana quando tem oportunidade de se dedicar ao exercício de atividades públicas e quando pode ser útil à sociedade”

Porém para haver uma mudança na mentalidade e no comportamento é um processo lento, ainda mais que estes conceitos, valores e ideias foram enraizados por séculos na sociedade, onde a mulher era inferiorizada e o homem era exaltado.

Como reflexo disso, até os dias de hoje vemos a luta diária para que de fato se tenha essa igualdade, pois ainda é muito mais comum ver os homens no poder e na chefia, um grande exemplo é a câmara municipal legislativa de 2021 no estado do Amazonas, são 38 vereadores homens e somente 4 mulheres. Outro exemplo claro que observamos nos dias atuais é de que uma mulher quando assume a gerência de uma empresa, na grande maioria das vezes tem seu salário reduzido comparado a um homem no mesmo cargo.

Na cultura *Hip Hop* não foi e não é diferente, apesar de esta trazer consigo uma ideia de luta contra a desigualdade, violência e discriminação, onde se busca uma visibilidade para as minorias excluídas socialmente, dentro da própria cultura é possível notar que se tem uma resistência a algumas mudanças.

O *Breaking*, que é uma das manifestações do *Hip Hop*, ainda é muito marginalizado, seus movimentos exigem força para tais movimentos e resistência física e com isso se torna um estilo onde se predomina o público masculino e muitas vezes não há oportunidades para que as mulheres também sejam protagonistas desta cena, porém podemos também destacar a flexibilidade que há no corpo feminino que no masculino não há o que facilita na execução de alguns movimentos do *Breaking*, sabe-se também que a força e a resistência física pode ser adquirida com treinos e

determinação por parte das *bgirls*.

Como o *Hip Hop* é considerado uma cultura de rua, nele se faz predominante o gênero masculino, fato este que pode ser comprovado por meio do levantamento de estudos acadêmicos nos últimos 10 anos - Fleury (2006), Reckziegel (2005), Lodi (2004), Magalhães (2002), Vilela (1998). Onde podemos confirmar que o público do gênero feminino dentro da cultura *Hip Hop* ainda é pouco e menor.

A mulher tem uma participação pequena, muitas vezes esse corpo é usado para melhorar a imagens de grupos, como apresentadora e até mesmo para 'enfeitar' o fundo dos palcos nos eventos (WELLER, 2005).

Tanto nos trabalhos sobre o *hip hop* como nas pesquisas sobre juventude em geral, existe uma grande lacuna no que diz respeito à presença feminina nas manifestações político-culturais. Será que jovens - adolescentes do sexo feminino formam uma minoria no movimento *hip hop*, em outros movimentos estético-musicais ou em outras formas associativas como as galeras ou gangues? Se tomarmos como critério a literatura existente sobre o tema poderia dizer que sim (WELLER, 2005, p. 107-108).

Podemos falar que é raro encontrarmos mulheres em um movimento ou comunidade onde a mídia e a sociedade definiram que é para homens, o fato de que o *hip hop* ou qualquer outro segmento voltado para a arte de rua é somente para homens é totalmente equivocado, sabemos que as mulheres podem tanto quanto os homens e sabemos que essa inclusão é algo totalmente e infelizmente somente de quem deseja fazer parte de alguma subcultura de rua.

O preconceito ainda é muito grande nesse quesito e, precisamos refletir e mudar esta realidade. As mulheres podem sim se vestir com uma roupa mais frouxa, podem sim andar como os meninos andam, podem sim fazer os mesmos movimentos e ainda assim continuarem sendo mulheres.

Compreendemos que o movimento *hip hop* se constitui como uma possibilidade de identificação para mulheres que buscam um agir coletivo, seja este orientado para a reivindicação feminista ou para a reivindicação dos direitos daqueles que vivem em condições de exclusão social e econômica, utilizando manifestações artísticas como veículo/instrumento de relato e protesto destas condições (MATSUNAGA, 2006, p. 9).

As mulheres que se incluem no meio urbano, seja no *rap*, grafite ou dança são muito discriminadas, e inferiorizadas, a estas é deferido que não têm capacidade o suficiente para fazer determinado movimento ou determinada arte. A própria sociedade em si se encaminha para fazer isso, como *bgirl*, já fui muito questionada por rolar no chão como menino e por usar roupas largas, ou seja, o olhar do outro é

muito julgador quando se trata de uma mulher na cena *hip hop* seja ela qual for.

Para um senso comum a mulher deve fazer outras danças, devem ser delicadas e sensíveis, não devem dançar este estilo que é ligado quase que automaticamente ao sexo masculino, como um estilo marginal, são esses e outros comentários e pensamentos que muita gente externaliza para praticantes femininas da cultura *hip hop*.

Mais difícil ainda é quando os praticantes masculinos dessas artes não apoiam as mulheres que buscam inclusão nesse meio, não podemos ser hipócritas e generalizar isso, mais alguns ainda não veem a inclusão feminina nesse meio. Muitos olham para o corpo feminino apenas com interesses sexuais e não como um corpo que está fazendo a mesma arte que ele, em eventos regionais, nacionais e mundiais esse fator é muito forte dentro do *breaking*, onde já houve diversos relatos de abusos por parte dos *bboys* às *bgirls*, principalmente se a *bgirl* for de fora da cidade.

Infelizmente essas situações ainda são muito fortes dentro da cena e traz inquietação a sociedade *bgirling*. Do *bboy* desconhecido da sua cidade ao *bboy* campeão e mundialmente conhecido temos história de tentativas de abusos a *bgirls*.

Esse é um assunto que necessariamente exige muito mais do que coragem para ser tratado, exige esforço das organizações que permitam quebrar as barreiras do silêncio que aprisionam as *bgirls*.

Outro fator que se faz importante destacar nesse cenário é o fato de termos muitos jurados homens nos eventos e somente uma *bgirl* compondo a banca de júri, isso quando ainda se tem alguma representatividade feminina no júri, seria pelo fato de que a mulher é menos capacitada para adquirir tal status? Isso só nos mostra o quanto a discriminação com o corpo feminino ainda é latente dentro da cultura *hip hop*.

Apesar de muitas lutas e situações constrangedoras muitas mulheres seguem dentro dessa cultura, no Brasil temos a rede *Bgirls* do Brasil onde mais de 100 *bgirls* estão inseridas, este grupo se encontra de forma remota mensalmente para tratar de assuntos do corpo feminino orgânico e do corpo feminino dentro do *breaking*, é uma forma de apoio uma com as outras.

A inserção das jovens é permeada por contradições e conflitos sendo que o lugar das mulheres dentro do movimento ainda é pequeno, as que buscam se inserir lutam diariamente por espaço e reconhecimento dentro de uma cultura que é regida por homens (ZANETTE, SOUZA, 2008, p. 104).

O maior evento de *breaking* mundial é a RedBull BC One, onde desde de 2001 organiza batalhas com dançarinos de 16 países diferentes no formato individual, 1 vs 1, somente em 2017 incluiu a batalha de *bgirls* em seu cronograma, com esse exemplo podemos seguir destacando o quanto a valorização demorou para ocorrer e ainda assim é mínima.

Para Moraes (2009, p. 41) “a atitude feminina em dançar *break* mostra o eu autêntico ligado à formação da integridade pessoal das mulheres dançarinas como ponto de referência para a construção de sujeitos capazes de construir e reconstruir suas histórias”.

As *bgirls* quebram padrões corporais associados a uma atitude moral de contenção que foi historicamente convencionada para as mulheres. Os corpos femininos se tornam um modo pessoal de examinar e interpretar normas de gênero recebidas (SANTOS, 2015, p.78).

A atitude que as mulheres têm mesmo diante de toda essa discriminação, de continuarem neste caminho, mostra a autenticidade destas dentro dessa cultura, assim ocupando o seu lugar e se fortalecendo como dançarinas, criando uma cultura de disputa contra os *bboys* e preconceitos.

No Brasil temos um grupo organizado por mais de 100 *bgirls* no país de todas as regiões, onde discutimos sobre situações vivenciadas nos eventos e sobre o corpo feminino dentro desta dança, um levantamento foi feito no início do grupo onde a maioria das *bgirls* responderam um questionário que perguntava sobre assédios vivenciados em batalhas ou nos eventos, e pasmem 99% já sofreram algum tipo de abuso seja ele físico ou psicológico dentro da cultura hip hop, em virtude disso possuímos no Brasil um guia antiassédio no *breaking* para orientar os *bboys* e demais pessoas sobre situações vivenciadas por *bgirls* dentro da cultura.

Ainda podemos citar algumas crews (grupo) composta somente por *bgirls* de renome nacional como o BSBgirls, Hostspper e We Can Do It Bgirls e duas crews de *bgirls* regional Icamabas e Tamo Juntas.

1.4 ENSINO FORMAL COM ATIVIDADES DO MEIO

Quando falamos de dança no contexto escolar, a maioria das pessoas pensam em aulas de *ballet* para as meninas e os rapazes são os que mais estão incluídos quando se trata de uma dança urbana, nesse caso o *break dance*, mesmo a sociedade

describando e marginalizando esse estilo ainda assim chama atenção dos jovens na escola, sobretudo pelos rapazes, devido possivelmente a falta de informação e até mesmo o medo ou a forma como as pessoas olham para essa dança.

No trabalho com adolescentes, a realidade é outra. Quando interrogados sobre o que é a dança ou sobre qual dança gostariam de aprender na escola, a maior parte dos jovens (sobretudo os rapazes) opta pelas danças de rua (rap, funk, break). Apesar de estas danças possuírem uma movimentação considerada agressiva pelos adultos, elas fazem parte do universo destes jovens. A violência é um dos temas mais explorados (STRAZZACAPPA 2001, p. 74).

A educação de forma geral prepara o ser humano para o desenvolvimento de suas atividades ao longo da vida, com isso se faz necessário uma educação a fim de dar suporte na formação seja ela social, cultural, econômica, tecnológica e nas múltiplas capacidade e habilidades que formam um ser.

Podemos destacar as 3 formas de ensino, o formal, o não formal e o informal. Geralmente a diferença entre as formas de ensino baseia-se no espaço escolar. “Assim, ações educativas seriam formais e aquelas realizadas fora da escola não-formais e informais” (MARANDO; SELLES; FERREIRA, 2009, p.133).

Gohn (2006, p. 28), afirma que ao falar de educação não formal é praticamente impossível não comparar com a educação formal.

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. (GOHN, 2006, p.28).

Com isso, a educação formal tem seu próprio espaço para ocorrer, ela é institucionalizada e prevê conteúdos programados para as aulas, já a educação informal pode ocorrer em vários espaços, envolve outros valores e a cultura do lugar. Ao ponto que a educação não formal acontece a partir da troca de experiências entre os indivíduos, sendo promovida em espaços coletivos que contribuem para o ensino aprendizagem.

Além dessas 3 modalidades de ensino podemos abordar a metodologia de ensino do meio (EM), que permite que o aluno tenha novas possibilidades pelo lugar estudado.

O ensino do meio é uma atividade que pode garantir um momento coletivo de aprendizagem e de convivência entre professores e estudantes envolvidos, pode ser também uma forma de aprendizagem na observação direta e na interação durante as aulas o que leva à construção de novos conhecimentos a partir das experiências vivenciadas pelos estudantes. Ele acontece em um espaço dinâmico que se altera e, por isso, permite uma reflexão (PONTUSCHKA, 2004).

Ele pode ser classificado utilizado como um complemento do ensino formal, ampliando o estudado nas salas de aula e proporcionando um novo conhecimento, troca de saberes em situações e espaços interativos, onde isso é sempre levado em conta, assim como experiência durante o processo de ensino.

Nidelcoff (2001, p. 11) fala que existem três objetivos quando se pensa em EM: I – aprender a perceber e analisar a realidade; II – promover nas crianças uma atitude de curiosidade, observação e crítica diante da realidade; III – dar início ao estudo de geografia, isto é, captar a inter-relação do homem com o meio, partindo de sua própria realidade.

Como esta pesquisa ocorreu durante o período de pandemia do Corona Vírus, foi-se necessário que as aulas ocorressem fora do ambiente escolar, com alunas do ensino fundamental de uma escola municipal na cidade de Boa Vista do Ramos-Am caracterizando assim o EM, onde a arte urbana e o ensino estavam presente e proporcionaram durante as aulas um melhor aprendizado.

Tivemos 7 aulas práticas presenciais na cidade das alunas, que ocorreram na igreja principal da cidade, promovendo uma ação educativa participativa e três aulas remotas pelo Google Meet, onde foi ampliado as questões de diálogo e reflexão sobre a figura feminina no *Breaking*.

2 CAPÍTULO II – ASPECTOS METODOLÓGICOS

A Metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método (caminho) do trabalho de pesquisa. É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumental utilizado (questionário, entrevista etc.), do tempo previsto, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamento dos dados, em de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa (CATIVO, 2017).

2.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

2.1.1 Quanto ao tipo

A presente pesquisa trata-se de uma pesquisa aplicada, pois formou um grupo de pessoas onde o *Breaking* foi experienciado, possibilitando que esses corpos aprendessem e tivessem um diálogo sobre a figura feminina neste estilo. “Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (NETO, 2009, p. 35).

2.1.2 Quanto aos objetivos

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva, pois relata os resultados encontrados durante o percurso da pesquisa com o grupo de meninas envolvidas e praticando a modalidade de dança *Breaking*. De acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Por exemplo, quais as características de um determinado grupo em relação a sexo, faixa etária, renda familiar níveis de escolaridade e etc.

Consideramos ainda a pesquisa de caráter exploratória, visto que “proporcionou uma maior familiaridade com a questão, o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 1987, p. 41). Geralmente, a pesquisa exploratória não tem muito estudo sobre o tema, o que condiz com a realidade do assunto abordado.

2.1.3 Quanto a abordagem

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa pois não foi feito

quantificação e os resultados não foram expostos com gráficos ou por meios de estatísticas, os mesmos foram relatados, refletindo o processo de envolvimento do grupo estudado, observando questões do corpo feminino dentro do *Breaking*. Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles.

2.1.4 Quanto ao método

Essa pesquisa é fenomenológica pois foi uma descrição direta do estudo feito com o corpo feminino, grupo este que foi analisado e, assim trazendo uma descrição direta da experiência vivenciada nesse processo. Segundo Merleau-Ponty, (1999, p2) “a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção e a essência da consciência, por exemplo”.

2.1.5 Quanto ao delineamento (Procedimentos)

Essa pesquisa trata-se de uma pesquisa de campo pois houve deslocamento até o grupo de meninas montado, para pesquisar, experimentar e investigar a realidade das pessoas que fizeram parte da amostra dentro da modalidade de dança *Breaking*. Conforme Gonsalves (2001, p. 67):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Este trabalho trata-se de uma pesquisa-ação pois propôs ações e envolvimento das participantes com a finalidade de ajudar a melhorar suas práticas e reflexões dentro da técnica do *Breaking*. A “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar à ação que se decide tomar para melhorar a prática” (TRIPP, 2005, p. 447).

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE, DOS SUJEITOS E DA PESQUISA

Por conta da pandemia esta pesquisa foi realizada com oito aulas presenciais e duas aulas remota, pelo Google Meet com 5 meninas da cidade de Boa Vista do Ramos-AM, de uma escola municipal, com idade de 11 a 15 anos que já possuem vivência com a dança, porém, que ainda não tiveram contato com o ensino técnico do *Breaking* e seus fundamentos teórico/prático.

Com relação as etapas da realização da pesquisa, foi criado um grupo de pesquisa do gênero feminino, onde foram feitas aulas de resistência física com técnicas utilizadas para movimentações do *Breaking*, para assim promover o primeiro contato deste corpo com esta dança. Foram aplicadas aulas específicas das bases do *Breaking* como o *top rock*, *footwork* e *freezers* para uma experiência completa dentro desta modalidade. Durante esse período de aula/treino foi constante a presença de conversas e discursos a respeito do envolvimento do corpo feminino nessa modalidade e troca de experiência e vivência deste corpo dançante na sociedade, para que com isso, haja um pensamento crítico e uma sensibilização do pensamento do senso comum do corpo feminino dentro deste estilo.

2.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

O diário de campo foi utilizado para realizar as anotações diárias do acompanhamento das aulas e dos progressos, que trouxeram reflexão, sistematizando assim as experiências juntamente com análise dos resultados. Segundo Falkembach (1987) o Diário de Campo consiste em um instrumento de anotações, um caderno com espaço suficiente para as anotações, comentários e reflexão individual do investigador no seu dia-a-dia.

2.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Um método bastante utilizado para análise das pesquisas qualitativas é a análise de conteúdo, que busca analisar o que foi dito nas entrevistas ou no que foi observado pelo pesquisador. Reduz a extensão e a complexidade dos conteúdos por meio das categorias apresentadas. Quando a coleta é guiada por alguma estrutura ou modelo teórico, seus elementos são as categorias. A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa (BARDIN, 1977). Portanto a

experiência prática e diálogos foram nesta pesquisa, analisados e inseridos para nos resultados da mesma.

3 CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO PRÉVIO

Para um melhor conhecimento em relação as alunas, foi aplicado um questionário que continha perguntas que facilitariam no desenvolvimento das aulas. Neste trabalho abordaremos a amostra como aluna A,B,C e D.

Na questão da idade, o grupo foi composto por uma aluna de 11 anos (aluna A), uma de 12 anos (aluna B) e 2 alunas com 14 anos (alunas C e D), ambas com experiência em Dança. Todas estudantes em uma escola estadual cursando o ensino fundamental 2. Ambas tiveram seus Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aceitos e assinados por seus pais por serem menores de idade, e o mesmo colocado no *Google Forms* por estarmos em período pandêmico. Somente depois da assinatura que fizemos os contatos e iniciamos a pesquisa de campo.

3.2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Estou envolvida com as Danças Urbanas a 11 anos e durante o período em que passei estudando o corpo feminino no *Breaking* pude perceber o quão as mulheres que estão nesse lugar se sentem inferiorizadas, mesmo com a evolução que o movimento *Hip Hop* teve, muitas situações ainda persistem nesse meio.

Como a mostra da pesquisa foi composta por meninas entre 11 e 14 anos, período de transição da infância para a puberdade, vale ressaltar que estão em construção de suas identidades, em um processo de conhecimento e experimentação que podem trazer inovações ao modo de como se enxergam os problemas sociais e a vida como um todo. “As meninas e os meninos vivem diariamente os desafios e estão em uma fase da vida marcada pela interação, o que fazem delas e deles potenciais multiplicadores” (FERREIRA, 2021, p.44).

Pensando nisso e com foco em potencializar o corpo feminino dentro da modalidade *Breaking* e de perceber como esse corpo se sente no lugar em que ocupa, as 10 aulas foram divididas em aula práticas, teóricas e constantes diálogos. A pesquisa contou com a participação de 8 meninas, porém somente 4 participaram para amostra da pesquisa, as demais que estavam de fora solicitaram participar das aulas, mas como não estavam vinculadas ao colégio. No entanto não neguei a

participação pois tratava-se de um momento único no município e conhecimento nunca é demais e nessa idade que estão, mais ainda.

As alunas já haviam tido contato com o *Breaking*, todas possuem uma bagagem de 4 anos de dança, sendo que nem em todos estes foram constantes nesta prática, além de já terem contato em batalhas. Antes de iniciarmos as pesquisas estas alunas estavam a 1 ano sem a prática do *Breaking* por conta da pandemia e por não terem incentivo em sua cidade.

O primeiro contato iniciou com um diálogo, para conhecer cada aluna, sua história no *breaking*, a visão desse corpo dentro desta modalidade, e uma explanação sobre a Cultura Hip Hop e sua origem, destacando o estilo que era o foco da pesquisa.

A aluna A diz que o *Breaking* no município de Boa Vista do Ramos está apagado e quem não tem muito motivo para que sigam treinando, porém aceitou participar da pesquisa para que pudesse aprender mais a voltar a prática do *Breaking* visando um dia poder vir para Manaus e poder competir representando sua cidade.

A aluna B estava sem treinar a um ano por conta de um problema de saúde e como está disse: “somos mulheres e nosso corpo é muito frágil em nossas particularidades femininas” revelando que se sentia fortalecida por meio da dança.

A aluna C seguia dançando, porém sem prática frequente do *Breaking* por não ter onde treinar, já a aluna D seguia com os treinos e estava se preparando para uma competição que teria na cidade no mesmo mês em que a pesquisa foi realizada. Para todas elas a mulher no *Breaking* tem seu lugar, porém ainda muito desvalorizado.

Comentamos ainda sobre alguns movimentos bases do *top rock* que na aula seguinte seriam explanados com mais clareza, movimentos que facilitariam nas variações da dança de cada aluna, o *top rock* é a primeira visão que o público tem com a dançarina, assim podendo estudar sua personalidade, fluidez e carisma.

A segunda aula teve o objetivo de ensinar os movimentos bases do *top rock*. Iniciamos com aula prática, com um alongamento e aquecimento com movimentos facilitadores para iniciação ao *top rock*, foram passados 5 movimentos básicos: o *Battle Rock*¹³, *Indian Step*¹⁴, *Salsa Rock*¹⁵, *Back Step*¹⁶ e *Side Step*¹⁷.

¹³ principal movimento do *top rock*, pulo com jogadas de pernas para frente.

¹⁴ chutes na diagonal e uma perna cruza a outra.

¹⁵ chutes laterais com jogada de cintura.

¹⁶ chutes para trás.

¹⁷ chutes para a frente.

Todos são movimentos feitos em com um número infinito de variações, após o estudo fizemos uma pequena *Cypher* (roda de dança onde cada *breaker* entra na roda e faz a sua performance) para que cada *bgirl* mostrasse o que conseguiu absorver com a aula e partindo para a variação dessas movimentações. A personalidade durante as entradas era muito latente.

Figura 1. Aula dois



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

A terceira aula teve o objetivo de entendimento de técnicas para a execução do *footwork*, com momento de teoria e prática. Iniciamos com uma explanação sobre o que é, orientação sobre as técnicas facilitadoras para a execução deste com mais limpeza e fluidez. Seguimos para um alongamento e aquecimento com movimentos que provocavam a criatividade de cada *bgirl* no chão, preparando o corpo para uma atividade focada. Pude perceber o que as alunas tinham contato com este fundamento, porém sem um ensino correto, onde muitos movimentos eram executados sem precisão. Foi um trabalho bem demorado porque uma vez que o corpo passou a ter o costume em executar o movimento de forma errada, para mudar isso é um processo árduo, porém seguimos conforme pude perceber que poderia avançar e sempre respeitando o corpo de cada aluna.

Posso ressaltar que no top rock as alunas fluíram de uma forma ímpar, porém no *foot work* tive um pouco mais de dificuldade no processo de ensino e de aprendizagem por parte das alunas por conta dos vícios que os corpos já possuíam para executar este fundamento.

O objetivo da quarta aula foi continuar o ensinamento sobre o *footwork*, base inicial. Abordamos sobre o *six step*, movimentos base do *footwork*. Costumo dizer que ele é um dos principais, pois dele parte todos os outros movimentos no chão, todas as variações saem dele. Ele é executado com 6 passos e os músculos dos braços e das pernas precisam estar ativados para conseguir sustentar o corpo sobre o chão.

Figura 2. Aula quatro



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

As participantes por mais que já tenham tido contato com o *breaking* tiveram uma enorme dificuldade nos ajustes corporais relacionados a estética da dança dos movimentos, além de cansaço nos braços e dificuldade em sustentar o corpo sobre o solo com os membros superiores.

Na quinta buscamos o aperfeiçoamento do movimento *six step*. Iniciamos com alongamento e aquecimento, após isso, seguimos com a prática evoluindo da execução do *six step*, com repetições e limpeza nos seis passos. Em seguida, passamos para aprendizagem do *russian step*¹⁸, para potencializar um pouco mais os membros inferiores de cada *bgirl* e ajudar na postura durante os *footworks*. Nesse movimento fazemos exclusivamente movimento com os pés, sem o apoio das mãos, e com isso o equilíbrio e força nos membros são trabalhados, fortalecendo a

¹⁸ Lembrando os russos esse movimento parte da ideia de troca de pernas voltadas para frente.

musculatura e resistência. Neste movimento por ter uma troca rápida de pernas foi dificultoso por conta da agilidade que as alunas não possuíam.

A sexta aula seguiu sendo prática de *foot work* com objetivo de estudar outro movimento deste fundamento. Inicamos com os nossos alongamentos e aquecimentos, seguindo para passagem do *six step* e do *russian step*. Depois partimos para o estudo do movimento CC¹⁹. Focamos na lateralidade, o que foi o maior obstáculo para as *bgirls*. Mesmo sendo um movimento com um grau de dificuldade mais baixo, se tornou complexo quando trabalhado dos dois lados. A partir da identificação dessa dificuldade passamos a treinar todos os *foot works* estudados para ambos os lados, assim forçando o corpo a trabalhar a bilateralidade, porém pelos vícios que estas alunas já possuíam em executar o movimento de forma errada levou um pouco mais de tempo para que esses corpos começassem a seguir para a forma correta de execução deste movimento.

Figura 3. Aula seis



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

Trago aqui a força do corpo feminino e a vontade de não desistir, a aluna A trouxe a reflexão de que mesmo sendo difícil elas conseguiam realizar as movimentações assim como os *bboys*. Neste momento falamos também sobre como o corpo modifica quando as mulheres estão vivendo o seu ciclo menstrual, uma das meninas que estavam na aula e não fazia parte da pesquisa estava nesse momento

¹⁹ Movimento feito sobre uma perna com trocas, direito e esquerdo.

e sua forma em executar os movimentos era como se seu corpo pesasse o dobro e trouxemos para aula a discussão de que algumas meninas se sentem mais leves nesse período e outros mais pesadas, sem ânimo e partimos para a fala que cada corpo é um corpo.

Para finalizar passamos o *baby freeze*²⁰ movimento que todas as meninas já sabiam, e assim conseguimos fechar os fundamentos base do *Breaking*.

A sétima aula foi teórico-prática e teve objetivo de conhecer cada corpo em uma batalha e posteriormente passar técnicas de comportamento e atitudes durante as competições. Nessa aula a dinâmica foi bem diferente pois passamos a estudar as técnicas de batalha, conversamos um pouco sobre a experiência de cada *bgirl*, que mesmo com pouca idade já possuem uma bagagem de batalhas com bastante histórias. Falamos sobre a dificuldade que elas têm em batalhar com um homem e a intimidação que isso causa em cada uma pelo fato de serem crianças e mulheres. A aluna A trouxe bastante confiança nesta aula quando compartilhou sobre um momento que batalhou com um Bboy adultos e mesmo assim isso não a intimidou, enfrentou o oponente de igual pra igual e conseguiu trazer intimidação ao oponente por sua postura firme em defender o seu corpo e seus movimentos.

Figura 4. Aula sete



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

²⁰ Ato de congelar sobre os braços.

Ainda neste encontro passamos todas as movimentações estudadas e reproduzimos uma minibatalha para que as técnicas de entrada e saída, personalidade, presença de palco e confiança nos movimentos fossem treinadas. Tivemos um nível de estudo bem alto pela experiência que elas já possuíam e posso dizer que as batalhas criadas durante essa aula tiveram a intensidade de uma batalha com algum tipo de premiação, pois a intenção delas era notória. A vontade de serem superiores as suas oponentes era latente, com isso a qualidade da aula foi excelente.

A oitava aula teve o objetivo de ouvir cada aluna e posteriormente fazermos uma *cypher*, essa aula foi feita na orla da cidade, para termos o aspecto da rua, com um DJ para que as meninas de certa forma se sentissem mais à vontade. Iniciamos conversando sobre a mulher dentro do breaking, as dificuldades e o olhar estranho do outro sobre a prática desta modalidade por mulheres/crianças. A aluna D trouxe a fala que dentro de casa no início tinha estranheza por esta praticar essa modalidade de dança, onde sua própria família dizia que era coisa de menino que as roupas que ela estava usando era como se fosse um menino, porém a mesma não desistiu com que as críticas a abalasse e continuou seus treinos. Hoje o que era estranho para sua família passou a ser algo a ser admirado pelo fato que seu corpo conseguia fazer movimentos considerados difíceis.

A aluna C trouxe em sua fala o quão é difícil para mulher seguir nesse lugar por conta do preconceito, pelo período que o corpo passa durante o ciclo menstrual uma vez por mês e ainda tem muitas mulheres que tem filhos e mesmo assim seguem no *breaking*, somos guerreiras.

Figura 5. Aula oito

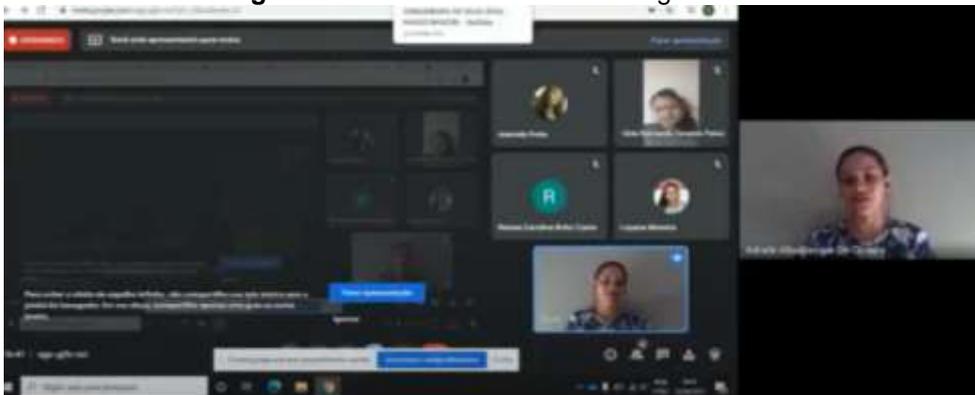


Fonte: arquivo pessoal, 2021.

A nona aula foi via Google meet, onde tivemos uma conversa com objetivo de abordar sobre musicalidade, personalidade, carisma com o público e fluidez. Ouvi novamente como cada aluna se sentia nesse lugar, onde falamos sobre o *feeling*, flava e flow. Foi usado com material de vídeo de *bgirls* em batalhas com vestimentas diferenciadas: uma mais delicada e outra roupa larga e bermuda e então conversamos sobre o olhar de cada uma sobre os vídeos assistidos e sobre como elas se sentem nesse lugar perante a sociedade. O que mais se repetia nas falas das meninas era que por usarem roupa larga e dançarem *breaking* eram chamadas de ‘machudas’ (termo usado pelas alunas). A dialogamos como é frustrante a definição da orientação sexual de alguém por vestimenta ou por estarem em um lugar denominado pela sociedade para homens. Ambas relataram ser constrangedor para elas e entristecedor pelo fato que a maioria dessas falas vinha de pessoas da própria família.

Assim como tivemos histórias de julgamentos também tivemos a aluna C que teve a aceitação familiar bem tranquila, tendo apoio dos pais para os treinos e incentivo para sua evolução.

Figura 6. Primeiro encontro via Google Meet



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

A décima aula teve o objetivo de revisar tudo que abordamos e foi estudado presencialmente e online, realizada também via Google meet, tivemos um encontro teórico-prático. Iniciamos com alongamento e condicionamento físico, fizemos um resumo do que estudamos sobre o *top rock*, o *foot work*, o *freeze* e as técnicas de batalha. Finalizamos com um clima de incentivo mútuo para seguirmos no *breaking* e a mensagem que mais ressoou foi que com situações de julgamentos e inferiorização em relação ao gênero masculino, para ambas é ainda um lugar de paz e tranquilidade, onde quando estão dançando todas as intercorrências do dia a dia são esquecidas e

elas se reconectam com elas mesmo e renovam as forças para as dificuldades que ainda sabem que encontrarão por suas escolhas.

Durante o período de aula prática observei nas alunas uma certa dificuldade em executar os movimentos, apesar de já serem *bgirls* a forma correta de executar cada movimento era bem mais dificultosa para elas. Acredito que pelo fato da falta de oportunidade em terem aulas deste tipo de dança. A questão da lateralidade foi onde notei mais dificuldade, para algumas alunas era mais fácil para o lado direito e para outras o lado esquerdo e quando solicitado para realizarem o movimento para ambos os lados elas travavam e não conseguiam executar.

Em nossos diálogos conversamos sobre o tempo que cada aluna tinha praticando o *Breaking* e pude perceber que a aluna A apesar da pouca idade já tinha alguns títulos e experiências fortes de batalha, onde a mesma relatou que quando tinha 10 anos participou de uma competição contra um homem e não se sentiu intimidada. Apontou o dedo na cara do oponente durante a batalha e conseguiu intimidar o mesmo e passar de fase, mesmo sendo considerada o gênero mais fraco e por ainda ser criança poderíamos pensar que ela seria a intimidada durante a batalha porém aconteceu o contrário e com isso vemos o empoderamento que está aluna tem como *bgirl*.

As *bgirls* mundialmente sofrem com abusos sexuais dentro e fora do movimento e com definição também de sua sexualidade pela vestimenta ou pelo jeito de dançar. Foi possível perceber que essas situações não escolhem idade para ocorrer, mesmo meninas mais novas dentro desta modalidade são julgadas por membros de sua família e a sociedade como um todo, e piadinhas ficam soltas o que traz constrangimento para algumas e fortalece outras.

Aluna C usou em uma de suas falas que esses comentários não a abalam e muito menos a faz pensar em desistir de ser *bgirl*, pelo contrário é dançando que todo a carga do dia é liberada, a hora do treino é o momento mais esperado por ela, porque nesse lugar há paz e energia sendo renovada.

Já a aluna D alegou que estava vindo de uma situação de saúde delicada, relatou que poder voltar a dançar *breaking* era fortalecedor para ela, era o lugar onde tudo passava e conseguia se conectar consigo e com sua dança.

No geral foi possível observar o quão carente essas alunas são de aulas e de bate-papos sobre este meio, por se tratar de um interior do estado do Amazonas e

também pelo fato de a internet ser de má qualidade, as informações e evoluções deste movimento que são diárias chegam tarde, quando chegam.

CONCLUSÃO

O *Hip Hop* por ser um movimento que luta por direitos iguais e por uma sociedade mais justa, no que diz respeito a mulher, sua aceitação e participação, podemos considerar que ainda está engatinhando. Entretanto, é algo que não se difere de preconceitos que são realidades na sociedade desde o início da humanidade. Existe até hoje um silenciamento de muitas mulheres em expressar suas vontades, algumas vezes por medo e outras por imposições de pessoas muito próximas e importantes a elas.

Visando incentivar a participação feminina no *Breaking* a proposta da pesquisa foi oferecer aulas de fundamentos do estilo, e percebeu-se a necessidade de possibilitar as participantes da amostra mais acessibilidade de informações, uma vez que mesmo com o contato que tinham, existiam ainda muitas lagunas de bases.

Observou-se que com o processo houve melhorias da prática por parte das alunas, percebendo que seus corpos foram estimulados e possibilitados a terem contato com formas de ensino para sua permanência e atualização de informações da modalidade.

Com diálogos acerca do corpo feminino no *Breaking* foi possível incitar um pensamento crítico sobre a inclusão feminina nesta dança entre o grupo pesquisado. A abertura para as falas e conversas tornou-se um momento de externalizar situações o que nos fortaleceu diante de algumas invalidações que acontecem na prática. Portanto, mesmo sendo um tema pouco expressado, até mesmo por nós mulheres por medo ou vergonha de inferiorização, pudemos expressar com clareza os sentimentos vivenciados e guardados durante anos de caminhada.

Com isso, se tratando da realidade no *Breaking* sobre questões femininas, percebe-se que ainda estão sendo dados os primeiros passos para que a mulher seja inserida nesse meio também como protagonistas, uma vez que pouco tempo atrás os eventos começaram a ter também batalhas voltada para o público feminino. Mesmo hoje a mulher se empoderando dentro deste movimento de forma técnica para a grande maioria ela tem menos nível tanto competitivo como quanto jurada para estar em destaque nesse sentido.

A rua ainda é considerada um lugar onde a mulher não tem direito de expor suas ideias, devido culturalmente este local ser mais associado aos homens e a sociedade muitas vezes dita onde a figura feminina deve estar presente. Porém

podemos considerar que existe uma luta resiliente por parte de mulheres que fazem parte do *hip hop* e que tentam enfrentar as barreiras criadas e garantir seu lugar neste meio urbano.

Através deste trabalho mulheres, crianças *bgirls* conseguiram falar de si, sobre suas lutas neste meio para outras que de certa forma se encontram na mesma situação, possibilitamos então um espaço para dialogar sobre seu modo de enfrentar essas situações mesmo com a pouca idade. Sendo assim, criamos um espaço potente onde as participantes iam falando sobre suas experiências e seus sentimentos podendo com estes diálogos e discussões refletir sobre a característica para expressão deste corpo muitas vezes sexualizado. Sabe-se que é impossível mudar o senso comum, mas acredita-se que com estas discussões seja possível um novo olhar gradativo da sociedade com este corpo e uma outra realidade das mulheres dentro desta modalidade.

Podemos observar que mesmo já praticantes desta modalidade as alunas tinham muita dificuldade em executar alguns movimentos pela falta de oportunidades em ter assistência de ensino das técnicas do *breaking*. E quando se tratava de lateralidade a dificuldade era bem maior, porém com as práticas constantes nas aulas pôde-se observar uma melhora técnica nas execuções dos movimentos propostos durante as aulas.

Conclui-se que se faz necessário mais diálogos e possibilidades de gradativamente irmos mudando estes preconceitos e ao longo da história irmos criando um novo olhar e inserção deste corpo, muitas vezes julgado por estar socialmente falando ou estando no lugar errado. Com esta pesquisa pôde-se revelar sentimentos que pode ser de muitas outras mulheres dentro deste meio, mas percebeu-se também que mesmo com um olhar de julgamento do outro, as mulheres estão cada vez mais lutando por seu espaço e alcançando seu destaque dentro da cena *Breaking*.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. S. **Dança de rua: corpos e sentidos em movimento na cidade**. 2001. 148. Rio Claro, 2001.
- AMORIM, LARA SANTOS. **Cenas de uma revolta urbana: movimento hip hop na periferia de Brasília**. Brasília, 1997.
- BEAUVOIR. SIMONE.: **Nova Enciclopédia de Biografias**. Rio de Janeiro: Planalto Editorial, 1980.
- COLOMBERO, ROSE M. M. P. **Danças Urbanas: Uma história a ser narrada**. São Paulo, 2011.
- FLEURY, M. M. **Dançarinos de rua: jovens entre projetos de lazer e trabalho**. Niterói- RJ, 2006.
- FREITAS, ELAINE. **Freeze: O Apice do Bboy no Breaking**. Belem-PA 2013.
- GARCÍA CANCLINI, NÉSTOR. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EdUSP, 1997. P. 385.
- GASPARI, LENI TRENTIM. **Educação e Memória: Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50**. Ponta Grossa, 2003.
- GOHN, MARIA DA GLÓRIA. **Educação Não Formal e o Educador Social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Ed, 2013.
- GOHN, MARIA DA GLÓRIA. **Investigar em Educação - IIª Série, Número 1**, São Paulo, 2014.
- GUARATO, RAFAEL. **Dança de rua: Corpos para além do movimento**. Uberlândia, 2008.
- LODI, C. A. **Manifestações Culturais Juvenis: o hip hop está com a palavra**. Rio de Janeiro, 2005.
- MAGALHÃES, E. F. **Rappers: artistas de um mundo que não existe, um estudo psicossocial de identidade a partir de depoimentos**. São Paulo, 2002.

MAGRO, VIVIANE MELO MENDONÇA. **Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas**. São Paulo, 2003.

MARCHIARO, ANNY. D. R. LIMA, FLAVIA. G. B. **A dança nas aulas de educação física: Hip Hop como instrumento**. Buenos Aires, 2012.

MATSUNAGA, PRISCILA SAEMI. **Mulheres no hip hop: identidades e representações – Campinas, SP: 2006**.

MONTEVECHI, WILSON ROBERTO APARECIDO. **Educação não-formal no Brasil: 1500 – 1808**. 2005, p. 24- 25.

NESS, ALIEN. **The Art of Battle**. Distribuidora Trowdown. Editado por Sabrina M. Chang. 2010.

NIDELCOFF, M. T. **A escola e a compreensão da realidade: ensaio sobre a metodologia das ciências sociais**. Trad. Marina C. Celidônio. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PONTUSCHKA, N. N. **O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes**. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004. p. 249-287.

RECKZIEGEL, A. C. de C. **Dança de Rua: lazer e cultura jovem na restinga**. Porto Alegre, 2004.

ROCHA, JANAINA; DOMENICH, MIRELLA; CASSEANO, PATRICIA. **Hip hop: a periferia grita**. Fundação Perseu Abramo, 2001, 160 p. ISBN: 2147483647. Disponível em: . Acesso em: 13 nov. 2020.

SALVIANO, WILLIAN. **Breaking e desenvolvimento motor**. Manaus-AM 2018.

SANTOS, SIMONE. **O Breaking Quebrando Barreiras: A participação das bgirls na dança de rua de Salvador – Bahia – Brasil**. 2015.

STRAZZACAPPA, MÁRCIA. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola - Cadernos Cedes, ano XXI, no 53, abril/2001**.

STRAZZACAPPA, MÁRCIA. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**
- Cadernos Cedes, ano XXI, no 53, abril/2001.

VALDERRAMAS, CAROLINE G. M; HUNGER, DAGMAR. **Origens históricas do Street Dance**. Buenos Aires, 2007.

VILELA, L. F. **O corpo que dança: os jovens e suas tribos urbanas**. Campinas, 1998.

WELLER, WIVIAN. **A “invisibilidade feminina nas (sub) culturas juvenis”**. Florianópolis, janeiro-abril/2005,

ANEXOS

ANEXO A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012

Prezado(a),

Sua filha está sendo convidado(a) a participar da pesquisa, “DANÇAS URBANAS: DESMISTIFICANDO CONCEITOS FEMININOS NO BREAKING” que está sendo desenvolvida por Adriele Albuquerque de Oliveira, do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, telefone: (92) 99400-3385, e-mail: adriele_dynamis@hotmail.com sob a orientação da Prof. Ma. Raíssa Caroline Brito Costa, telefone (92)98152-7565, email: rccosta@uea.edu.br.

O Objetivo geral desta pesquisa é possibilitar a prática do breaking por meninas refletindo sobre a inclusão feminina neste estilo de dança. Assim incentivar a participação feminina no âmbito do Breaking; incentivar um pensamento crítico sobre a inclusão feminina neste universo e promover diálogos e discussões sobre características para a questionar o senso comum nesta área.

Promovendo diálogos e ampliando conhecimentos técnicos do breaking no gênero feminino, pode-se assim estimular a autonomia e o fortalecimento da propagação de estudos sobre as mulheres neste lugar, a presente pesquisa realizará um experimento de aulas técnicas do breaking, permitindo que se tenha novas perspectivas deste gênero no breaking para os docentes e discentes do curso de dança, onde não há um acervo tão grande de estudos nesta linha temática, favorecendo assim o conhecimento do termo bgirl, além de explanação de alguns estilos que compõem as danças urbanas.

Os participantes da pesquisa serão informados quanto à data e os horários dos encontros, que por sua vez serão realizados remotamente via Google Meet. As aulas acontecerão três vezes na semana com duração de uma horas e serão organizadas pensando nos fundamentos da linguagem e em formas de promover a autonomia das alunas.

Ressaltamos que pretendemos elaborar publicações sobre os resultados alcançados na pesquisa para serem apresentadas e discutidas em eventos científicos locais, regionais, nacionais e internacionais. Se depois de consentir sua participação

o (a) Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas ou ressarcidas pelo pesquisador.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE encontra-se em formato digital em vias de mesmo teor, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um bom período, e após esse tempo serão destruídos.

Não havendo dúvidas, solicito que responda às questões abaixo dando sim ou não o seu consentimento para participação em nossa pesquisa.

_____ Data: ___/___/___
Assinatura do Responsável

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor Orientador